

Responsividade Materna: contributo para a avaliação

Tiago Ferreira & Isabel Abreu-Lima¹

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto

A investigação tem reconhecido a importância da relação mãe/criança no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Owens, Shaw & Vondra, 1998), servindo o conceito de “responsividade materna” para definir a medida em que a mãe, num processo mútuo de interação, responde às necessidades da criança (Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1997).

A presente investigação inspirou-se nos trabalhos conduzidos por Landry e colaboradores e teve como objectivo o estudo da responsividade materna a partir da adaptação ao contexto português de um instrumento para avaliação da sua qualidade - a “Maternal Rating Scale” (MRS).

Participaram 30 díades de mães e crianças com idades compreendidas entre os 6 e 30 meses. Os resultados confirmam a importância desenvolvimental da responsividade materna e da MRS como instrumento de avaliação da sua qualidade, sendo discutida a sua relevância para a detecção e avaliação precoce das crianças em risco psicossocial.

Palavras-chave: Responsividade materna; Qualidade do ambiente familiar; Risco psicossocial

1.INTRODUÇÃO

Diversos modelos teóricos salientam a importância desenvolvimental das interações da criança com o seu meio social e material imediato (Barnard, 1997; Belsky, Robins & Gamble, 1984; Sameroff & Fiese, 2000). Neste âmbito assume especial relevância o estudo das características da interação da criança com os seus principais prestadores de cuidados. A investigação tem contribuído para uma melhor compreensão das especificidades da interação mãe/criança, surgindo sublinhado o conceito de responsividade materna nos trabalhos de autores como Bornstein e Lamb (1992), Bornstein e Tamis-Lemonda (1997), Wakschlag e Hans (1999), Landry, Smith, Miller-Loncar e Swank (1997), entre outros.

Encontram-se na literatura diferentes abordagens de responsividade materna (Bretherton, 1992; Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Owens, Shaw & Vondra, 1998; Burchinal, Follmer & Bryant, 1996). Globalmente, este conceito surge definido como o comportamento materno que é apropriado e contingente ao comportamento da criança.

Landry, Smith, Miller-Loncar e Swank (1997) entendem a responsividade materna como um fenómeno complexo e multidimensional, definindo-a como a medida em que a mãe responde às necessidades da criança, num processo interactivo entre as duas partes. Esta concepção de responsividade materna integra duas perspectivas teóricas distintas: a teoria da vinculação, no plano afectivo, e a teoria da aprendizagem sociocultural, no plano cognitivo (Landry, Smith & Swank, 2006).

A investigação atribui à responsividade materna um papel importante no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1989; Bornstein & Tamis-Lemonda, 1997; Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1998; Smith, Landry & Swank, 2000; Landry, Smith, Swank, Assel & Vellet, 2001; Tamis-LeMonda, Bornstein & Baumwell, 2001).

Os trabalhos de Susan Landry e seus colaboradores têm vindo a suportar empiricamente a importância de um comportamento materno responsivo na promoção do desenvolvimento da criança (Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1997; Landry, Smith, Swank & Loncar, 2000; Landry, Smith, Swank, Assel & Vellet, 2001; Landry, Smith & Swank, 2006). Da investigação destes autores sublinham-se duas asserções fundamentais: existe uma influência causal da responsividade materna no desenvolvimento da criança; esta influência recai sobre aspectos cognitivos, sociais e emocionais do desenvolvimento e é mediada por quatro factores de responsividade – “Resposta Contingente”, “Suporte Emocional e Afectivo”, “Suporte à Manutenção da Atenção” e “Inputs de Linguagem”.

A investigação aponta ainda para associações importantes entre responsividade materna e qualidade do ambiente familiar e entre responsividade materna e risco psicossocial. Ambientes familiares de maior qualidade compreendem padrões de responsividade materna mais positivos do ponto de vista do desenvolvimento da criança (Bradley & Corwyn, 2005; Cruz, 2006; 2008). No sentido inverso, a acumulação de factores de risco tende a traduzir-se na perda de qualidade ao nível da responsividade materna (Belsky, Robins & Gamble, 1984; Landry, Smith, Swank, Assel & Vellet, 2001; Guttentag, Pedrosa-Josic, Landry, Smith & Swank, 2006).

O presente trabalho tem como objectivo geral o estudo da responsividade materna numa amostra de díades de mães e crianças portuguesas e pressupôs um trabalho prévio de pilotagem e adaptação de um instrumento de avaliação da qualidade da responsividade materna - a “Maternal Rating Scale” (MRS) (Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1997; 1998; Landry, Smith, Swank & Miller-Loncar, 2000).

Salientam-se três objectivos específicos: (1) verificar o efeito “idade” e “género” das crianças na responsividade materna; (2) verificar associação entre qualidade do ambiente familiar e responsividade materna; (3) perceber a relação entre responsividade materna e risco psicossocial.

2.MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram neste trabalho 30 díades de mães e crianças residentes na zona metropolitana do Porto. As crianças participantes apresentaram uma média de idades igual a 16,4 meses, verificando-se a presença de 14 (46,7%) do sexo masculino e 16(53,3%) do sexo feminino. A média de idades das mães participantes foi de 31,4 anos.

A amostra foi dividida em dois grupos distintos: “Grupo com acompanhamento” (GCA), constituído por 13 díades de famílias acompanhadas pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJR) e/ou por uma equipa de inserção no âmbito da medida de Rendimento Social de Inserção; “Grupo sem acompanhamento” (GSA), constituído por 17 díades de famílias sem qualquer acompanhamento de cariz socioeconómico.

2.2.Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos: Questionário Sociodemográfico (QS); Inventário HOME (versão dos 0 aos 3 anos); Escala de Avaliação da Responsividade Materna (EARM) (versão dos 0 aos 2 anos).

O QS contempla diferentes variáveis de cariz sociodemográfico relativas à criança, à mãe e à família e ao perfil de risco das díades participantes.

O Inventário HOME permite avaliar a qualidade do ambiente familiar, tomando como referência o ponto de vista da criança (Bradley, 1993). A HOME surgiu na década de 1960, tendo sido alvo de grande utilização (Bradley, Caldwell & Rock, 1988; Bradley, 1993; Bradley & Corwyn, 2005; Caldwell & Bradley, 2003; Gottfried & Gottfried, 1984; Palacios, Lera & Moreno, 1994; Totsika & Sylva, 2004), nomeadamente ao nível do contexto português (Abreu-Lima, 2003; 2005; Abreu-Lima & Cruz, 2003; Cruz, 2006; 2008). No presente trabalho recorreu-se à versão da HOME para crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos (Caldwell & Bradley,

2003). Esta versão foi adaptada por Abreu-Lima e Cruz (2003) ao contexto português e é constituída por 45 itens distribuídos por seis subescalas: “Responsividade” (11 itens); “Aceitação” (8 itens); “Organização” (6 itens); “Materiais para aprendizagem”; “Envolvimento” (6 itens); “Variedade” (5 itens).

Para avaliação da qualidade da responsividade materna foi utilizada uma versão previamente adaptada e pilotada da Maternal Rating Scale (MRS) (Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1997; 1998), denominada de Escala de Avaliação da Responsividade Materna (EARM). A EARM consiste numa grelha observação, sendo aplicada ao registo vídeo de 15 minutos da interacção lúdica entre a mãe e a criança. Esta escala considera 8 itens do tipo “Likert” (ver quadro 1).

Quadro 1: Descrição dos itens da EARM

Item	Descrição
Manifestação de Afecto	Sinais positivos de afecto dados pela mãe à criança ou à sua actividade.
Calor Afectivo	Medida em que a mãe consegue manter face à criança um estilo de interacção relaxado, caloroso e alegre.
Flexibilidade/Responsividade	Capacidade da mãe reconhecer, aceitar e valorizar os sinais e iniciativas da criança, respondendo-lhe de forma pronta (atempada) e sensível.
Intrusão Física	Medida em que a mãe adopta comportamentos invasivos relativamente à criança ou à sua actividade.
Negatividade	Utilização de um tom de voz e verbalizações negativas por parte da mãe no contexto da interacção com a criança.
Demonstração/Ensino Físico	Qualquer acção física por parte da mãe no sentido de apoiar a compreensão da criança acerca do uso funcional de objectos e/ou do desenvolvimento de actividades.
Conteúdo Verbal	Riqueza da linguagem materna na interacção com a criança, tendo em conta aspectos verbais como a complexidade do discurso, a diversidade frásica e a diversidade do vocabulário.
Suporte Verbal	Medida em que as verbalizações maternas acompanham, suportam, desafiam e enriquecem a actividade da criança.

2.3.Procedimentos

A administração dos instrumentos (QS, HOME e EARM) foi feita no âmbito de uma visita domiciliária à casa de cada uma das díades participantes. Esta visita contemplou os seguintes momentos: contacto inicial; preparação do espaço; observação da interacção diádica (EARM); aplicação do Inventário HOME; administração do QS.

Os indicadores de risco foram calculados a partir dos resultados obtidos pelo Questionário Sociodemográfico (QS). Consideraram-se duas medidas distintas de risco: o Indicador de Perigo (IP) e o Índice Compostos de Risco (ICR). O IP refere-se ao facto de a criança ser acompanhada por uma medida de promoção e protecção ao abrigo da Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro relativa à protecção de crianças e jovens em perigo. O ICR consiste numa medida composta de risco, obtida a partir da informação (presença ou ausência) relativa a sete factores de risco: (1) degradação do contexto de habitação; (2) ausência de figuras paternas; (3) baixa idade materna; (4) baixa escolaridade materna; (5) situação materna de desemprego ou emprego precário; (6) elevado número de crianças presentes no agregado; (7) baixo rendimento económico. Cada um destes sete factores de risco foi convertido numa variável dicotómica (1 = presença, 0 = ausência), sendo o ICR o resultado da soma dos valores em cada uma destas variáveis (Sameroff, Sameroff, Seifer, Barocas, Zax & Greenspan, 1987; Sameroff & Fiese, 2000).

3.RESULTADOS

As díades participantes foram avaliadas em termos do seu perfil de risco psicossocial (ICR e IP), qualidade do ambiente familiar (HOME) e qualidade da responsividade materna (EARM).

Relativamente ao perfil de risco psicossocial, verifica-se uma variação do ICR entre 0 (mínimo) e 6 (máximo), sendo o valor médio igual a 1,9 (DP = 2,01). Um grande número de díades não apresenta qualquer factor de risco e nenhum dos participantes acumula os 7 factores de risco. Das 30 crianças participantes, 8 (26,7%) são acompanhadas pela CPCJR, sendo consideradas em situação de perigo pela moldura legal vigente no nosso país.

Os resultados relativos à qualidade do ambiente familiar avaliada pela HOME são apresentados no quadro 2.

Quadro 2: Média, desvio-padrão e amplitude dos resultados do Inventário HOME (N=30)

	M	DP	Min-Max
Subescala "Responsividade" (11 itens)	9,6	1,5	6-11
Subescala "Aceitação" (8 itens)	6,0	1,0	3-8
Subescala "Organização" (6 itens)	5,6	0,7	4-6
Subescala "Materiais de Aprendizagem" (9 itens)	6,9	2,1	2-9
Subescala "Envolvimento" (6 itens)	4,3	1,4	2-6
Subescala "Variedade" (5 itens)	3,0	1,3	1-5
Inventário HOME (45 itens)	35,7	6,4	22-44

A média obtida no Inventário HOME é de 35,7 (DP = 6,4), verificando-se um valor mínimo de 22 e um máximo de 44. A subescala “Responsividade” varia entre 6 e 11 (M = 9,63; DP = 1,54), a subescala “Aceitação” entre o 3 e 8 (M = 6,23; DP = 1,04) e a subescala “Organização” entre 4 e 6 (M = 5,57; DP = 0,73). Na subescala “Materiais de Aprendizagem” os resultados variam entre 2 e 9 (M = 6,93; DP = 2,10), na subescala “Envolvimento” entre 2 e 6 (M = 4,27; DP = 1,44) e, finalmente, na subescala “Variedade” o valor mínimo é de 1 e o máximo de 5 (M = 3,03; DP = 1,30).

O quadro 3 apresenta os resultados relativos à qualidade da responsividade materna avaliada pela EARM.

Quadro 3: Média, desvio-padrão e amplitude dos resultados da EARM (N=30)

	M	DP	Min-Max
Manifestação de Afecto	3,0	0,7	1,0-4,3
Calor Afectivo	4,3	0,8	2,0-5,0
Flexibilidade/Responsividade	3,1	1,1	1,0-5,0
Intrusão Física	4,8	0,4	3,0-5,0
Negatividade	4,9	0,3	3,5-5,0
Demonstração/Ensino Físico	2,8	0,8	1,5-4,0
Conteúdo Verbal	2,9	1,1	1,0-5,0
Suporte Verbal	3,6	1,2	1,3-5,0
EARM (Responsividade média)	3,7	0,6	1,8-4,5

O valor médio de responsividade materna obtido foi de 3,7 (DP = 0,6), sendo o valor mínimo de 1,8 e o máximo de 4,5. Os itens “Demonstração/Ensino Físico” e “Conteúdo Verbal” apresentam os valores médios mais reduzidos, enquanto que os itens “Negatividade” e “Intrusão Física” apresentam os valores médios mais elevados.

Efeito “idade” e “género” das crianças na responsividade materna

Foi analisada a associação entre os resultados da EARM e as variáveis sexo e idade. No quadro 4 encontram-se os valores da correlação da EARM e seus itens face à variável “idade da criança”.

Quadro 4: Correlação entre os resultados da EARM e idade da criança

	Idade da criança
Manifestação de Afecto	-,21
Calor Afectivo	,03
Flexibilidade/Responsividade	,18
Intrusão Física	-,06
Negatividade	,04
Demonstração/Ensino Físico	-,25
Conteúdo Verbal	,49**
Suporte Verbal	,36
EARM (Responsividade média)	,24

*p< .05; **p< .01

A única correlação significativa com a idade ocorre no item “Conteúdo Verbal”, tratando-se de uma correlação positiva e moderada.

Não foram encontradas diferenças significativas entre rapazes e raparigas, quer ao nível dos itens, quer ao nível da nota global da EARM.

Associação entre qualidade do ambiente familiar e responsividade materna

O quadro 5 apresenta os valores das correlações entre os resultados da EARM e os resultados da HOME.

Verifica-se uma correlação elevada entre os resultados da EARM e da HOME. Neste sentido, ambientes familiares de maior qualidade estão associados a valores mais elevados de responsividade materna. Globalmente, todos os itens da EARM apresentam valores de correlação moderados a elevados face às notas da HOME e suas subescalas, salientando-se o item “Flexibilidade/Responsividade”, com uma correlação de 0,86.

Quadro 5: Correlação entre os resultados da EARM e do Inventário HOME

	Inventário HOME						Total
	Subescala1	Subescala2	Subescala3	Subescala4	Subescala5	Subescala6	
Manifestação de Afecto	,22	,15	,44*	,42*	,41*	,27	,35
Calor Afectivo	,51**	,37*	,61**	,65**	,63**	,59**	,70**
Flexibilidade/Responsividade	,65**	,51**	,57**	,78**	,75**	,68**	,86**
Intrusão Física	,35	,11	,18	,57**	,43*	,45*	,49**
Negatividade	,44*	,27	,52**	,17	,04	,44*	,38*
Demonstração/Ensino Físico	,13	,16	,28	,10	-,01	-,04	,10
Conteúdo Verbal	,52**	,34	,50**	,84**	,74**	,65**	,81**
Suporte Verbal	,47**	,34	,55**	,70**	,65**	,49**	,71**
EARM (Responsividade média)	,54**	,41*	,60**	,75**	,67**	,61**	,77**

* p< .05; **p< .01

Legenda: Subescala1: "Responsividade"; Subescala2: "Aceitação"; Subescala3: "Organização"; Subescala4: "Materiais de Aprendizagem"; Subescala5: "Envolvimento"; Subescala6: "Variedade"; Total: Inventário HOME.

Relação entre responsividade materna e risco psicossocial.

No quadro 6 apresentam-se os valores de correlação entre a EARM e o índice composto de risco (ICR) e factores que o compõem.

Quadro 6: Correlação entre os resultados da EARM e os resultados do ICR

	Factor de Risco							ICR
	1	2	3	4	5	6	7	
Manifestação de Afecto	-,28	-,43*	-,46*	-,26	-,26	,17	-,21	-,29
Calor Afectivo	-,49**	-,46*	-,51**	-,62**	-,49**	-,07	-,47**	-,64**
Flexibilidade/Responsividade	-,55**	-,34	-,52**	-,63**	-,57**	-,06	-,54**	-,70**
Intrusão Física	-,42*	-,45*	-,57**	-,40*	-,47**	-,13	-,21	-,52**
Negatividade	-,51**	-,27	-,28	-,63**	-,38*	-,08	-,52**	-,57**
Demonstração/Ensino Físico	-,38*	-,12	-,38*	-,27	-,28	,28	-,29	-,22
Conteúdo Verbal	-,41*	-,29	-,52**	-,56**	-,41*	,06	-,54**	-,58**
Suporte Verbal	-,55**	-,23	-,38*	-,53**	-,37*	,02	-,55**	-,55**
EARM (Responsividade média)	-,55**	-,38*	-,52**	-,65**	-,51**	,00	-,57**	-,66**

* p< .05; **p< .01

Legenda: Factor de risco 1: "contexto de habitação degradado"; Factor de risco 2: "ausência do agregado de uma das figuras parentais"; Factor de risco 3: "idade materna inferior a 20 anos, aquando do nascimento do seu primeiro filho"; Factor de risco 4: "escolaridade materna igual ou inferior ao 6.º ano de escolaridade"; Factor de risco 5: "situação profissional materna de desemprego ou emprego precário"; Factor de risco 6: "presença no agregado familiar de 3 ou mais crianças"; Factor de risco 7: "rendimento económico igual ou inferior a 300€por pessoa"; ICR: "Índice Composto de Risco".

Verificam-se correlações negativas moderadas a fortes entre a EARM e o ICR, quer a nível de nota global, quer a nível das notas dos itens. Assim, quanto mais elevado o número de factores de risco presentes na família, menor os resultados da EARM, ou seja, menor a qualidade da responsividade materna.

Os valores de correlação entre a EARM - itens e nota global - e os diferentes factores de risco que integram o ICR foram baixos ou moderados, exceptuando os valores relativos ao factor 6, o qual se refere à existência de três ou mais crianças no agregado familiar. Os itens “Manifestação de Afecto” e “Demonstração/Ensino Físico” são aqueles que apresentam correlações mais modestas com o ICR. O item “Flexibilidade/Responsividade” é aquele que apresenta correlações negativas mais elevadas com o ICR ($r = -0,70$).

Com vista a melhor compreender a relação entre responsividade materna e risco psicossocial, foram ainda comparados os dois grupos da amostra (GCA e GSA) em termos de resultados da EARM. No quadro 7 são apresentados os resultados desta comparação.

Quadro 7: Diferenças na responsividade materna entre grupos definidos pelo nível de risco

	GCA (N=13)		GSA (N=17)		Mann-Whitney U	
	M	DP	M	DP	U	p
Manifestação de Afecto	2,8	,83	3,2	,61	77,5	,160
Calor Afectivo	3,8	,85	4,7	,38	33,0	,001
Flexibilidade/Responsividade	2,5	,77	3,9	,82	25,5	,000
Intrusão Física	4,6	,56	4,9	,11	53,5	,004
Negatividade	4,7	,42	5,0	,00	51,0	,001
Demonstração/Ensino Físico	2,7	,78	2,9	,79	88,5	,352
Conteúdo Verbal	2,4	,69	3,5	1,14	55,0	,019
Suporte Verbal	2,8	1,09	3,8	1,20	57,5	,025
EARM (Responsividade média)	3,3	,62	3,99	,42	36,0	,002

Os dois grupos em análise apresentam diferenças significativas, quer ao nível dos valores globais na escala ($p < .01$), quer ao nível dos seus itens. As mães incluídas no GCA tendem a ser menos responsivas, com valores médios de responsividade inferiores ao GSA. Os itens “Demonstração/Ensino Físico” e “Manifestação de Afecto” são os únicos em que não existem diferenças significativas.

4.DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente trabalho fundamentou-se na ideia de que a responsividade materna influencia o desenvolvimento da criança. O seu objectivo geral consistiu no estudo da qualidade da responsividade materna em díades portuguesas, focando com especial interesse a relação da qualidade da responsividade materna com as variáveis “Género” e “Idade”, qualidade do ambiente familiar e risco psicossocial.

A análise da correlação entre a EARM e a variável “Idade” da criança permitiu verificar que os resultados totais da escala são sensíveis em termos de desenvolvimento, isto é, não parece existir uma associação significativa entre os valores totais da EARM e a idade da criança. O item “Conteúdo Verbal” foi o único a apresentar uma correlação significativa com a variável “Idade”. Estes resultados vão de encontro aos avançados pelos autores da versão original da escala (Landry, Smith, Miller-Loncar & Swank, 1997; 1998; Landry, Smith, Swank, Assel & Vellet, 2001; Landry, Smith & Swank, 2006), segundo os quais, ao longo dos dois primeiros anos da criança, certos aspectos do padrão de responsividade materna (como é o exemplo da linguagem) vão-se naturalmente modificando, no sentido de melhor responder às necessidades desenvolvimentais da criança.

O estabelecimento de correlações entre resultados de instrumentos de medidas compatíveis tem sido utilizado como forma de validação por referência a critério (Cronbach, 1996). A elevada correlação entre as notas globais da HOME e da EARM ($r = 0,77$) permite validar externamente a EARM. De facto, todas as subescalas do Inventário HOME apresentam correlações significativas face ao resultado global da EARM, com valores situados acima dos 0,40.

Importa ainda tecer algumas considerações relativamente à associação entre a EARM e os vários indicadores de risco considerados. Globalmente, verificaram-se associações fortes entre os resultados da EARM e os diferentes indicadores de risco considerados (IP e ICR). No mesmo sentido, a comparação do GCA e do GSA aponta para diferenças ao nível da qualidade da responsividade materna. Assim, é possível estabelecer uma relação próxima entre contextos de risco e o decréscimo da qualidade da responsividade materna. Estes resultados vão de encontro à ideia de que existe uma tendência para a co-ocorrência de factores de risco e/ou stresse, contribuindo esse facto para um decréscimo acentuado da probabilidade de bons resultados de desenvolvimento (Bairrão & Felgueiras, 1978).

5.CONCLUSÕES

A investigação tem reunido consenso na ideia de que bons resultados desenvolvimentais requerem o envolvimento e responsividade do sistema parental no que toca às necessidades da criança (Bromwich, 1997). O presente trabalho pretendeu contribuir para a disponibilização de um instrumento que possibilitasse compreender e avaliar a qualidade da responsividade materna.

A “Escala de Avaliação da Responsividade Materna” (EARM) constitui um guião de observação da interacção mãe/criança que avalia a responsividade materna nas suas dimensões cognitiva e afectiva. É possível ver neste instrumento uma grelha de leitura útil no que respeita à compreensão do comportamento interactivo entre a mãe e a criança. Apesar disso, o estudo da EARM deve ser continuado no sentido da reformulação de certos itens e indicadores, assim como da sua validação factorial. Esta escala poderá constituir um instrumento profícuo na avaliação da responsividade materna em idades precoces e, conseqüentemente, na implementação de estratégias e programas de intervenção centrados na interacção.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Tiago Ferreira
TiagoDSFerreira@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu-Lima, I. (2005). Avaliação do ambiente familiar e seu impacto na educação e desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar. In J. Bairrão, *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp.98-140). Porto: LIVPSIC.
- Abreu-Lima, I. (2003). *Cenários de educação e desenvolvimento: o meio familiar e o seu impacto na educação e desenvolvimento da criança*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto: Dissertação de doutoramento não publicada.
- Abreu-Pinto, I. & Cruz, O. (2003). *HOME* (versão 0-2): Tradução e adaptação. Porto: Centro de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança.
- Bairrão, J. & Felgueiras, I. (1978). Contribuição para o estudo das crianças em risco. *Análise psicológica*, 4, pp.31-39.

- Barnard, K. (1997). Influencing parent-child interactions for children at risk. In M. Guaralnick, *The effectiveness of early intervention* (pp. 249-267). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Belsky, J., Robins, E. & Gamble, W. (1984). The determinants of parental competence: Toward a contextual theory. In M. Lewis, & L. Rosenblum, *Beyond the Dyad: Social Connections* (pp.251-279). New York: Plenum.
- Bornstein, M. & Tamis-Lemonda, C. (1997). Maternal responsiveness and infant mental abilities: Specific predictive relations. *Infant Behavior and Development*, 20, pp.283-296.
- Bornstein, M., Tamis-LeMonda, C., Tal, J., Ludeman, P., Toda, S., Rahn. (1992). Maternal Responsiveness to Infants in Three Societies: The United States, France, and Japan. *Child Development*, 63, pp.808-821.
- Bornstein, M. & Lamb, M. (1992). *Development in infancy: An introduction*. New York: McGraw-Hill.
- Bornstein, M. & Tamis-LeMonda, C. (1989). Maternal responsiveness and cognitive development in children. In M. Bornstein, *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences*, (pp. 49-61). San Francisco: Jossey-Bass.
- Bradley, R. & Corwyn, R. (2005). Caring for children around the word: A view from HOME. *International Journal of Behavioral Development*, 29, pp.468-478.
- Bradley, R., Caldwell, B. & Rock, S. (1988). Home environment and school performance: A ten-year follow-up and examination of three models of environmental action. *Child Development*, 59, pp.852-867.
- Bradley, R. (1993). Children's home environments, health, behaviour, and intervention efforts: A review using the HOME inventory as a marker measure. Little Rock: Genetic, Social and General Psychology Monographs.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, pp.759-775.
- Bromwich, R. (1997). *Working with families and their infants at risk*. Austin: pro-ed.
- Burchinal, M., Roberts, J., Zeisel, S. & Stephanie, R. (2008). Social risk and protective factors for african american children's academic achievement and adjustment during the transition to middle school. *Development psychology*, 41, pp.286-292.
- Burchinal, M., Follmer, A. & Bryant, D. (1996). The relations of maternal social support and family structure with maternal responsiveness and child outcomes

- among African American families. *Developmental Psychology*, 32, pp.1073-1083.
- Caldwell, B. & Bradley, R. (2003). *HOME Inventory Administration Manual. Comprehensive Edition*. Little Rock: University of Arkansas.
- Cronbach, L. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cruz, O. (2006). A Escala de Avaliação do Ambiente Familiar – Comparação dos resultados observados com duas versões da HOME. In C. Machado, L. Almeida, M. Guisande, M. Gonçalves & V. Ramalho, *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Cruz, O. (2008). La consistance de l'intervention éducative parentale: La qualité de l'environnement familial et les comportements interactifs de la mère. *European Review of Applied Psychology*, 58, 177-184.
- Gottfried, A. & Gottfried, A. (1984). Home environment and cognitive development in young children of middle-socioeconomic status families. In A. Gottfried, *Home environment and early cognitive development* (pp.57-115). Orlando: FL: Academic Pre.
- Guttentag, C., Pedrosa-Josic, C., Landry, S., Smith, K. & Swank, P. (2006). Individual variability in parenting profiles and predictors of change: effects of an intervention with disadvantaged mothers. *Journal of applied developmental psychology*, 27, pp.349-369.
- Landry, S., Smith, K. & Swank, P. (2006). Responsive parenting: establishing early foundations for social, communication, and independent problem-solving skills. *Developmental psychology*, 42, pp.627-642.
- Landry, S., Smith, K., Swank, P., Assel, M. & Vellet, S. (2001). Does early responsive parenting have a special importance for children's development or is consistency across early childhood necessary? *Developmental psychology*, 37, pp.387-403.
- Landry, S., Smith, K., Miller-Loncar, C. & Swank, P. (1998). The relation of change in maternal interaction styles to the developing social competence of full-term and preterm children. *Child Development*, 69, pp.105-123.
- Landry, S., Smith, K., Miller-Loncar, C. & Swank, P. (1997). Predicting cognitive-language and social growth curves from early maternal behaviors in children at varying degrees of biological risk. *Development Psychology*, 33, pp.1040-1053.

- Landry, S., Smith, K., Miller-Loncar, C. & Swank, P. (1997). Responsiveness and initiative: Two aspects of social competence. *Infant Behavior and Development*, 20, pp.263-266.
- Landry, S., Smith, K., Swank, P. & Miller-Loncar, C. (2000). Early maternal and child influences on children's later independent cognitive and social functioning. *Child development* 71, pp.358-375.
- Owens, E., Shaw, S. & Vondra, J. (1998). Relations between infant irritability and maternal responsiveness in low-income families. *Infant Behavior and Development* 21, pp.761-777.
- Palacios, J., Lera, M. & Moreno, M. (1994). Evaluación de los contextos familiares y extrafamiliares en los años preescolares: escalas HOME y ECERS. *Infancia Y Aprendizaje*, 66, pp.71-85.
- Sameroff, A., & Fiese, B. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early intervention. In J. Shonkoff & S. Meisels, *Handbook of early childhood intervention* (pp.135-150.). Cambridge: Cambridge university press.
- Sameroff, A., Seifer, R., Barocas, R., Zax, M. & Greenspan, S. (1987). Intelligence quotient scores of 4-year-old children: social-environmental risk factors. *Pediatrics*, 79, pp.343-350.
- Smith, K., Landry, S. & Swank, P. (2000). Does the content of mothers' verbal stimulation explain differences in children's development of verbal and nonverbal cognitive skills. *Journal of school psychology*, 38, pp.27-49.
- Tamis-LeMonda, C., Bornstein, M. & Baumwell, L. (2001). Maternal Responsiveness and Children's Achievement of Language Milestones. *Child Development*, 72, pp.748-767.
- Totsika, V. & Sylva, K. (2004). Home Observation for Measurement of the Environment Revisited. *Child and Adolescent Mental Health*, 9, pp.25-35.
- Wakschlag, L. & Hans, S. (1999). Relation of maternal responsiveness during infancy to the development of behaviour problems in high-risk youths. *Developmental Psychology*, 35, pp.569-579.